

- A marca dos homens nos espaços que ocupam

A passagem dos grupos humanos pelos espaços em que se movimentam leva a que a dimensão física por eles ocupada fique marcada, *inscrita* pelas suas acções. Assim, a Antropologia do Espaço denomina as relações entre os seres humanos e o seu espaço de *Espaços Inscritos*.

As marcas dos homens e das sociedades são duradouras apesar de dinâmicas, isto é, a marca impressa pelo Homem varia e deve ser compreendida à luz dos processos culturais e sociais a que está associada. Estas marcas assumem na maior parte das vezes uma dimensão colectiva, ou seja, ao nível da memória social (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

Alguns autores consideram que a relação entre a construção do espaço e das relações sociais que aí se estabelecem é recíproca e mútua e a partir desta dinâmica se negocia a construção de identidades (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003). Desta forma as pessoas também se projectam e integram no espaço criando edificações e formas de organização espacial como parte de um espaço “arquitectónico”/natural/histórico mais amplo (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

- Relação dos vários seres e grupos humanos com o seu espaço

Como se referiu, a análise do espaço, deve ser feita tendo em conta os múltiplos contextos em que as sociedades se movimentam (a cultura, a política, a história...) por esse motivo importa perceber quais são os aspectos que condicionam a ocupação dos espaços.

Um exemplo da variedade de ocupação dos espaços pelos diversos grupos humanos, passa pela forma como organizam o espaço e como o meio ambiente vai influenciar as construções. A arquitectura dos Fang (um grupo étnico de África – Camarões), por exemplo, é condicionada, mas não limitada pelo meio físico, incluindo também espaços definidos por serem de cariz social, doméstico, cosmológico, mitológico que são produzidos pela dimensão místico-religiosa da cultura e também pelos processos de migração, pela importância que as florestas assumem e pelas relações que se estabelecem nas comunidades (aldeias, vilas). Ou seja, existe toda uma dimensão religiosa, simbólica e social que para além do espaço envolvente vai determinar a “produção” e a construção de outros espaços. Ou seja, a arquitectura Fang, cria *espaços de qualidade* que encerram em si as qualidades associadas às experiências que são activadas durante os processos rituais. O espaço de qualidade é um espaço metafórico que inclui as estruturas arquitectónicas, mas também encerra uma extensão das imagens pessoais e rituais. Durante as performances rituais as metáforas associadas ao espaço de qualidade são activadas e os seus participantes passam por experiências sensoriais intensas que estão muitas vezes relacionadas com um sentimento de revitalização (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

O estudo da dimensão espacial dos Fang, permite também compreender a importância que a dimensão do meio ambiente e da paisagem natural assume no que diz respeito ao estabelecimento de relações sociais e ao tipo de espaços que são construídos pelos seres humanos. De acordo com esta perspectiva, quer o meio ambiente natural, quer o espaço construído e edificado variam na mesma medida, prova disso mesmo seriam as diferenças entre os Fang, Zulu e Mina: os Fang vivem em regiões de floresta que podem assumir uma dimensão claustrofóbica, ao passo que os Zulu vivem em espaços abertos e os Mina por viverem em regiões costeiras, apercebem-se das alterações que os ventos e as águas provocam na alteração da paisagem (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003). Todas estas condicionantes do meio envolvente se vão repercutir e reproduzir ao nível da arquitectura de cada grupo.

Percepção do espaço

Importa também perceber de que forma é que o corpo físico e também o social, assumem um papel determinante nesta interacção entre o espaço, o Homem e as relações sociais que se desenvolvem nesse espaço.

- espaços incorporados

As análises sociológicas e antropológicas dos espaços, não entram muitas vezes em linha de conta com a dimensão física do corpo. Isto porque, é muitas vezes difícil resolver o dualismo existente entre o *corpo objectivo* e o *corpo subjectivo* e a distinção entre os aspectos materiais e representacionais do corpo no espaço. A noção de *espaços incorporados* assimila estas duas dimensões numa só, realçando a importância do corpo enquanto uma entidade física e biológica; enquanto um centro de experiências; enquanto um centro de agência e como um meio para falar e agir no mundo (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

Usa-se o termo corpo para designar a sua dimensão biológica e social e incorporação enquanto um campo metodológico indeterminado definido pela experiência perceptual e o modo de presença e engajamento no mundo. Os *espaços incorporados* são os lugares onde a experiência humana e a consciência assumem uma dimensão física e material.

O modelo teórico dos espaços incorporados é apresentado enquanto uma forma de compreender a criação de lugares a partir da orientação espacial, movimento e linguagem (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

- o corpo social e biológico e a percepção do espaço

O corpo humano ocupa naturalmente um espaço, a percepção e a experiência desse espaço depende do estado de espírito das pessoas, das emoções do momento, da percepção do *self* - isto é a percepção de nós próprios enquanto um ser social, cultural e biológico enquanto agente, *no* e *com* um papel no mundo -, das relações sociais e de algumas predisposições culturais. Na sociedade ocidental a percepção do *self* encontra-se directamente relacionada com o corpo – o corpo é a entidade que naturalmente alberga o *self*. Nós imaginamo-nos a

experienciar o mundo através do nosso corpo social, sendo a superfície do corpo, a pele, uma espécie de fronteira que se torna um palco simbólico sobre o qual o drama da socialização decorre (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

É óbvio que os seres humanos têm corpo e que são corpos. Agimos no mundo através dos nossos corpos, dominados e limitados por eles. O corpo assim, assume uma dimensão ao nível das nossas relações sociais e físicas de inegável magnitude, contudo importa perceber que o reducionismo biológico óbvio, muitas vezes impede-nos de perceber em que medida o corpo é também uma herança cultural. Enquanto o corpo biológico é um organismo individual que depende para a sua reprodução, alimentação e existência de outros indivíduos e do meio ambiente, também esta entidade biológica única se cria e mantém por meio das relações sociais que estabelece com os outros. Assim o corpo é melhor compreendido enquanto uma entidade múltipla que dependendo do autor poderá ser dupla:

- o corpo social e físico;

Tripla:

- o corpo individual, social e político

ou quádrupla:

- corpo individual, social, político, médico e de consumo

A maior parte dos antropólogos colocam alguma ênfase na relação que existe entre o carácter social e cultural do corpo. Pierre Bourdieu explica de que forma os hábitos corporais geram características culturais e ajudam a estabelecer uma estrutura social e designa de *habitus* o processo de formação simultânea da formação de corpo, mente e emoções. Ele usa este conceito para compreender de que forma o estatuto social, os valores morais e a classe social são incorporados no quotidiano. Este mesmo autor, analisa a importância do corpo humano enquanto metáfora, salientando que a arquitectura se desenha a partir da experiência humana (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

Para muitos grupos culturais a percepção e a dimensão atribuída ao corpo, leva a que este seja o referencial para o desenvolvimento das relações sociais e espaciais. Os Dogon por exemplo, descrevem a sua aldeia/vila em termos antropomórficos representando, por exemplo a casa um homem deitado de lado. Muitos antropólogos usam a análise a partir da metáfora para interpretar os moldes em que o corpo humano se liga aos mitos e à cosmologia, e como a partir dele se descrevem como os processos espaciais e temporais. Outros estudos exploram o corpo como sendo uma entidade isomórfica à paisagem, sendo que nestes casos é a paisagem que fornece a metáfora que é expressiva e evocativa, que transmite a memória, moralidade e emoção (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003). É assim perceptível a importância que os vários grupos humanos atribuem ao corpo, a forma como este pode simultaneamente assumir uma dimensão biológica e social e que vai muitas vezes servir de referencial e metáfora para a compreensão dos espaços edificados (arquitectónicos) e naturais (a paisagem ou meio envolvente).

A experiência corporal da percepção do espaço pode tornar-se material se tivermos em conta que muitas vezes que transformamos essa experiência em símbolos que depois podemos reproduzir em objectos, gestos ou palavras. Usamos estas materializações de emoções e sentimentos, precisamente para podermos evocar experiências passadas que nos remetem para a dimensão fenomenológica do espaço a que é atribuído um odor, uma textura uma cor e outras dimensões sensoriais (Low & Zúñiga-Lawrence, 2003).

- A apreensão do espaço pelos sentidos;

Para compreendermos o homem e a sua relação com o espaço, precisamos de ter uma noção acerca dos seus sistemas de recepção da informação que o rodeia e do modo como a cultura transforma a informação que estes últimos fornecem. O aparelho sensorial do homem comporta duas categorias de receptores, que Edward T Hall define genericamente como:

- receptores à distância: olhos, ouvidos e nariz
- receptores imediatos: pele, mucosas e músculos

O surgimento destes diferentes órgãos dos sentidos, estão directamente relacionados com a nossa origem biológica enquanto mamíferos (inicialmente) e enquanto primatas (mais tardiamente). O processo evolutivo parte de uma premissa que a evolução ocorre de formas mais simples (que facilmente se adaptam a diferentes contextos), para formas mais especializadas (que são mais eficazes no meio em que se desenvolveram mas não se compadecem com alterações dos contextos de acção), nesse sentido, a visão foi o último sentido a desenvolver-se e é aquele sobre o qual dependemos mais fortemente, até porque o seu desenvolvimento está directamente associado à transição da vida nas árvores para a passagem para o chão e a locomoção bípede, ao passo que o olfacto tem a sua origem em formas biológicas mais ancestrais (Hall, 1986 (1966)).

- o espaço visual e auditivo

Tendo em conta estes elementos não parece estranho que, o ser humano consiga reunir mais informação por meio visual do que por meio auditivo já que, existem mais neurónios a conduzirem a informação visual, comparativamente à auditiva (Hall, 1986 (1966)).

O campo de acção de olhos e ouvidos é também distinto na medida em que a audição deixa de ser tão eficaz a mais de 6 metros, ao passo que o olho pode reunir uma quantidade enorme e diversificada de informação num raio superior a 100 metros. Assim os dois sistemas de informação diferem um do outro quer ao nível da qualidade quer ao nível da quantidade (Hall, 1986 (1966)).

O espaço auditivo assume uma importância subtil mas marcante nas relações que estabelecemos com os espaços e nos espaços e que variam de forma importante de cultura para cultura. A exemplo disso Hall apresenta o caso de um arquitecto inglês, que confrontado com a existência de uma tensão crescente entre um dos directores de uma empresa e os seus funcionários, que a determinado ponto pediam o afastamento do dito director, apercebeu-se que a estratégia para a solução seria o de harmonizar o espaço visual com o auditivo. A sala

de conferências dava para uma rua muito animada e o ruído da circulação era multiplicado pela reverberação nas paredes e do chão despidos da sala. A redução das interferências auditivas suprimiu de uma só vez a tensão anormal que estas provocavam no decorrer das reuniões. Esta convivência dos espaços sociais, visuais e acústicos afecta de forma diferente, diferentes culturas. Enquanto uma pensão japonesa apresenta tradicionalmente paredes feitas a partir de papel de arroz, os holandeses e alemães tendem a preferir vidros duplos e salas com elevados graus de insonorização (Hall, 1986 (1966)).

- o espaço olfactivo

Hoje em dia a tendência que se observa a nível da sociedade ocidental moderna é o da eliminação de cheiros. Se assim não fosse, não se justificava a expansão da indústria dos perfumes e dos desodorizantes e neutralizadores ambientais (Hall, 1986 (1966)).

O olfacto é um dos sentidos que maior importância assume entre os mamíferos e também no passado evolutivo do homem. O olfacto apresenta uma enorme complexidade no homem e é possivelmente o único órgão que funciona em qualquer meio e circunstância. Talvez pela sua ancestralidade evolutiva e pela sua complexidade, muitas vezes as memórias vêm impregnadas de cheiros que são característicos de determinada pessoa ou local e na maior parte das vezes são facilmente identificáveis. Qualquer aldeia portuguesa tem um cheiro próprio e característico que varia de acordo com a época do ano. E que se associa a cada espaço, por exemplo: o espaço da matança do porco, ou das queimadas, ou da debulha do milho, têm um cheiro que se associa a uma actividade própria que por sua vez também está associada a um conjunto de relações sociais específicas. Contudo, a tendência moderna é a de uniformizar e neutralizar esses cheiros tanto em pessoas como em espaços (Hall, 1986 (1966)).

- o espaço táctil e muscular

O espaço táctil separa os observadores dos objectos; o espaço visual separa os objectos entre si. Desta forma resumimos a relação e as diferenças que existem entre os espaços visual e táctil. Estas duas dimensões, do espaço táctil e do espaço visual, reúne-se nas crianças pequenas e é reveladora da importância que ambas assumem no processo de formação de referenciais cognitivos. As crianças, quando passam a conceber os objectos enquanto unidades e os querem perceber em toda a sua dimensão, levam-nos à boca, não para saborear, mas para perceberem a sua textura e temperatura. Os lábios e a língua são órgãos extremamente sensíveis e permitem uma percepção mais completa da textura e temperatura. Não é por acaso que as mães procuram perceber a temperatura dos filhos com os lábios (Hall, 1986 (1966)).

De acordo com alguns estudos, a reprodução dos espaços é tanto mais fiel quanto maior for o contacto táctil directo que se tem com o espaço e com os objectos que povoam esse espaço. Este facto deve-se, provavelmente, à importância que o tacto assumiu no nosso processo evolutivo (sem distinguir o frio do calor e a dor, o homem não sobrevive). A partir da pele e do

tacto, conseguimos reunir um sem fim de informação que facilmente integramos nos nossos referenciais cognitivos.

Mais uma vez, a tendência da sociedade ocidental e moderna, passa por uniformizar e suavizar os espaços, passando a sensação táctil para um segundo plano. Contudo, nem sempre esta tendência tem sido bem acolhida na medida em que a textura dos elementos que nos rodeiam se torna fundamental para a concretização da experiência sensorial completa.

O espaço muscular existe, sempre que nos movimentamos e esta dimensão é tanto mais evidente, quantos mais desafios físicos um espaço apresentar. Um jardim japonês é o exemplo por excelência da relação entre o espaço visual e o muscular, porque a cada momento é importante perceber onde vamos colocar os pés, ao mesmo tempo que a paisagem e a harmonia das formas atrai a nossa visão (Hall, 1986 (1966)).

- Componente cognitiva e afectiva

É graças a este sem fim de percepções e de assimilação de informação que conseguimos criar quadros de acção que regulam a nossa percepção do espaço e permitem a nossa movimentação nos mais diversos lugares e contextos.

Todos estes processos irão constituir uma base de acção que poderá ser racionalizada e gerir as relações que estabelecemos com os espaços, e nos espaços que nos envolvem.

Por outro lado, estes múltiplos espaços e estas múltiplas formas de apreender o espaço, vão ser lentamente apreendidas pelo corpo, a que se irão associar memórias e reacções de afecto ou rejeição.

Também ao nível da apreensão dos espaços pelos sentidos, podemos criar lugares.

- Linguagem e espaço

A linguagem é na sua essência complexa e está directamente ligada a cultura em emerge. Da mesma forma, o espaço e a importância que cada grupo humano dá aos vários elementos que constituem o espaço, se vai reflectir ao nível da linguagem. As práticas culturais, as relações económicas e políticas, condicionam grandemente o léxico das sociedades e os conceitos que lhes subjazem.

Deste modo a forma como se diz o espaço, pode fornecer pistas importantes ao nível das relações sociais, dos principais elementos políticos e económicos e da própria organização social. Em inglês, cerca de 20% das palavras mais frequentes dizem respeito às relações que ingleses e americanos estabelecem com o espaço, contudo, não é de esperar que essa proporção se mantenha para culturas que coexistam com estas duas mencionadas.

Esta linguagem do espaço está directamente associada às múltiplas apreensões dos espaços pelos sentidos, havendo por isso várias relações entre a linguagem usada e o tipo de percepção dos espaços pelas várias culturas (Hall, 1986 (1966)).

A orientação espacial e noção de espaço como mecanismo natural, condicionado pela cultura;

As necessidades do homem no espaço variam de acordo com o seu meio ambiente. Também no ser humano se observam distâncias uniformes (apesar de já não existirem as distâncias críticas e de fuga) prevalecem as distâncias sociais e pessoais.

A dimensão destas distâncias parece estar directamente associada ao tipo de percepção pelos sentidos, que fazemos do espaço. O sussurro e o grito implicam diferentes distâncias entre os interlocutores. Segundo Hall desta forma é possível estabelecer quatro tipos de distâncias: íntima, pessoal, social e pública podendo cada uma delas processar-se de um modo próximo e longínquo. É por isso importante que um espaço permita a concretização destas quatro distâncias

Proxémia

Proxémia é um neologismo criado para designar o conjunto de observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico.

Bibliografia

Hall, E.T. 1986 (1966). *A dimensão oculta* (trans.) Pereira, M.S. Lisboa: Relógio D'Água.

Low, S.M. & Zúñiga-Lawrence, D. 2003. Locating Culture. In *Anthropology of space and place: locating culture* (eds) Low, S.M. & Zúñiga-Lawrence, D. Oxford; Malden: Blackwell Publishing